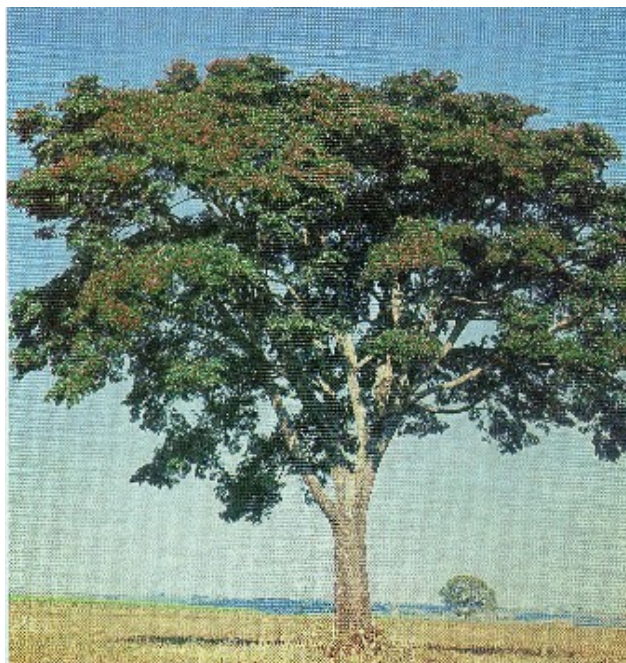


O Olhar dos Primeiros Cronistas da História do Brasil sobre a Copaíba

Angelo C. Pinto e Valdir F. Veiga Jr
Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Tecnologia, Bloco A
Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, 21945-970- Brasil

A Copaíba (*Copaifera sp*), ou Copaiabeira, é uma árvore de grande porte da família Leguminosae encontrada em todo o Brasil. Os habitantes da floresta a procuram como local de tocaia para pequenos animais silvestres que se alimentam de seus frutos. A árvore, também chamada de Pau d'óleo, é facilmente encontrada na mata devido ao forte aroma de sua casca.

Chamada de copaíva ou copahu pelos indígenas (do tupi: Kupa'iwa e Kupa'u, respectivamente), o óleo da copaíba era bastante utilizado entre os índios brasileiros quando os portugueses chegaram ao Brasil. Tudo indica que o uso deste óleo veio da observação do comportamento de certos animais que, quando feridos, esfregavam-se nos troncos das copaibeiras. Os índios o utilizavam principalmente como cicatrizante e no umbigo de recém-nascidos para evitar o mal-dos-sete-dias. Os guerreiros quando voltavam de suas lutas untavam o corpo com o óleo da copaíba e se deitavam sobre esteiras suspensas e aquecidas para curar eventuais ferimentos¹.



No século XVII, os primeiros médicos do Brasil contornavam parcialmente a escassez de remédios, cujo suprimento à Colônia era irregular, recorrendo às drogas indígenas. Os viajantes se abasteciam dessas drogas, "comprovadamente eficazes", antes de se aventurarem por lugares desconhecidos. Dentre essas drogas, o óleo das copaibeiras era uma das que desfrutava de maior prestígio entre os viajantes².

A primeira citação sobre o óleo de copaíba talvez tenha sido feita numa carta de Petrus Martius ao Papa Leão X publicada em 1534, em Estrasburgo. Naquela carta, faz-se referência ao "Copei" como uma droga indígena³.

Não houve cronista importante na História do Brasil que não tenha se referido às virtudes do óleo de copaíba. Um dos primeiros foi Gabriel Soares de Sousa (c1540-c1592), que registrou em sua obra "Tratado Descritivo do Brasil" a utilização do óleo pelos índios, incluindo-o entre aqueles provenientes "das árvores e ervas da virtude".

O padre Jesuíta José Acosta (c 1539-c1604) no seu livro "De Natura Novi Orbis", traduzido em 1606 do latim para o francês, e depois por José Maffeu para o português, que o intitulou "História Natural e Moral das Índias", assim se referiu ao óleo de copaíba⁴:

O bálsamo é celebrado com razão por seu excelente odor, e muito maior efeito para curar feridas, e outros diversos remédios para enfermidades, que nele se experimentam...

...nos tempos antigos os índios apreciavam em muito o bálsamo, com ele os índios curavam suas feridas e que delas aprenderão os espanhóis.

Não foram só os cronistas portugueses que descreveram as propriedades medicinais do óleo de copaíba. Ele

não passou despercebido a Jean de Lery, que veio para o Brasil com Bois-Le-Comte, sobrinho de Villegagnon. De Lery o descreveu na "Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil", em que retratava a tentativa francesa no Rio de Janeiro de criação da França Antártica. Outro estrangeiro, o holandês Gaspar Barléu, em seu livro "História dos feitos recentemente praticados durante vinte anos no Brasil", dedicado ao Conde Maurício de Nassau, assim se referiu à copaíba, que considerava uma das árvores próprias da terra mais notáveis:

Vêem-se estas plantas esfoladas pelo atrito dos animais, que, ofendidos pelas cobras, procuram instintivamente este remédio da natureza.

Peckolt⁶, um dos primeiros cientistas a investigar de modo sistemático as propriedades medicinais da flora brasileira, tinha a mesma opinião de Barléu sobre a copaíba. Ele a considerava uma das dez árvores genuinamente brasileiras mais úteis na Medicina.

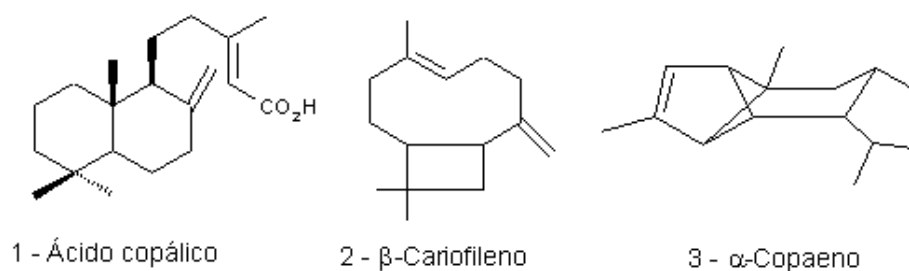
O óleo de copaíba já constava em 1677 da farmacopéia britânica e em 1820 da farmacopéia americana (USP).

Ainda hoje o óleo de copaíba pode ser facilmente encontrado em toda a Amazônia, onde é vendido em mercados e feiras populares, com diferentes denominações, como por exemplo, Panchimouti, Palo de aceite, Cabimo, Copahyba, Copaiarana, Copaúba, Copaiibo, Copal, Maram, Marimari e Bálsamo dos Jesuítas.

Seu uso tão difundido o torna o remédio mais usado e conhecido pelas populações mais pobres dessa imensa região, como diurético, laxativo, antitético, antiblenorrágico, anti-reumático, anti-séptico do aparelho urinário, antiinflamatório, antitussígeno, cicatrizante e remédio para o combate ao câncer. O que era uma droga indígena no passado é hoje um fitoterápico que pode ser encontrado em qualquer farmácia natural e de manipulação do País.

Estudos farmacológicos com o óleo de copaíba mostram que o uso do óleo pelos índios é plenamente justificado. Avaliação *in vivo* e *in vitro* vem demonstrando que os óleos de várias espécies de copaíferas possuem atividade antiinflamatória, cicatrizante, antiedematogênica antitumoral, tripanossomicida e bactericida.

Estudos fitoquímicos recentes mostram que os óleos de copaíba são misturas de sesquiterpenos e diterpenos. O ácido copálico (1) e os sesquiterpenos β -cariofileno (2) e α -copaeno (3) são os principais componentes do óleo. O ácido copálico, encontrado em todos os óleos de copaíba até hoje estudados, talvez possa vir a ser usado como um biomarcador para a autenticação desses óleos⁷.

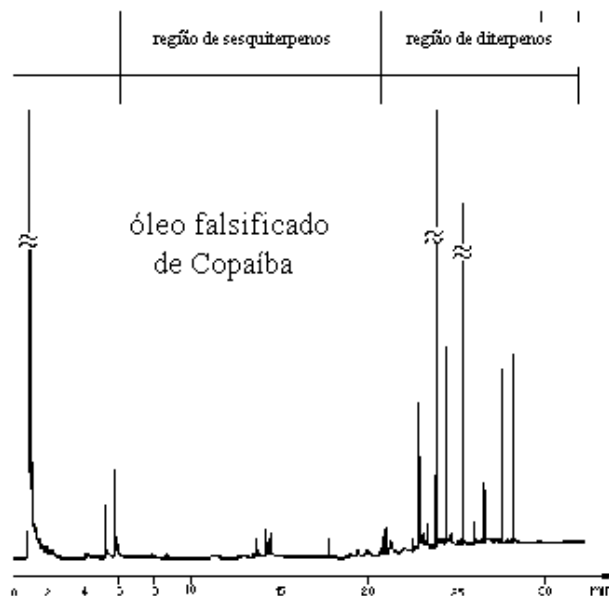
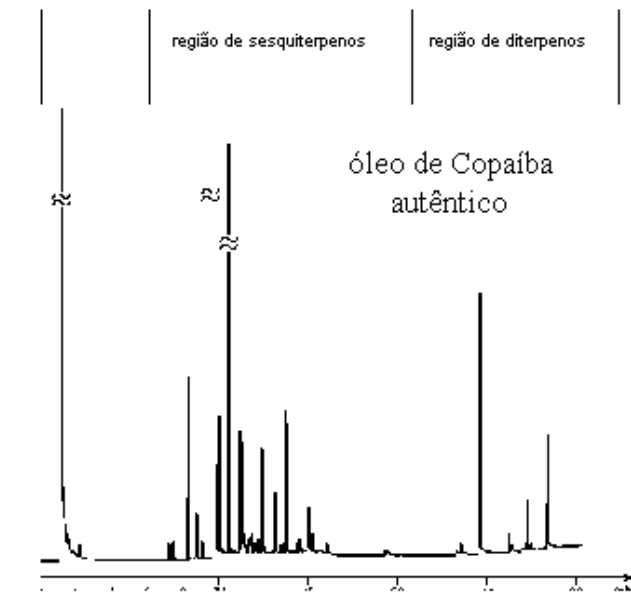


O óleo de propriedades quase mágicas, com o qual valentes guerreiros untavam seus corpos para descansar após suas batalhas, e o espanto dos primeiros europeus quando viram árvores tropicais exuberantes jorrarem óleo aromático, pode ser sintetizado na descrição feita por Pero Magalhães Gandavo, um de nossos cronistas mais importantes, em seu livro "História da Província de Santa Cruz", de 1576⁸:

Um certo gênero de árvores há também pelo mato dentro da capitania de Pernambuco a que chamam copaibas, de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso ao extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente as que procedem a frialdade: causa grandes efeitos, e tira todas as dores por graves que sejam em

muito breve espaço. Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha se enxergam onde estiveram e nisto se faz vantagem a todas as outras medicinas.

A história desse óleo não é feita só de virtudes. Hoje, constata-se com tristeza, os óleos de copaíba vêm sendo vendidos em muitas farmácias de todo o País adulterados com óleos vegetais, principalmente o de soja e até mesmo com óleo diesel nos locais de coleta dos óleos. Os cromatogramas abaixo ilustram as diferenças entre os óleos de copaíba autênticos e os óleos adulterados.



Comparação do teor de óleos voláteis de amostras de óleo de Copaíba por cromatografia gasosa

Às autoridades da vigilância sanitária cabe a fiscalização da venda dos fitoterápicos e o combate aos

falsificadores, punindo-os exemplarmente. A nós, fitoquímicos, cabe a responsabilidade de demonstrar a autenticidade dos óleos de copaíba e dos fitoterápicos, em geral, e, nos momentos de lazer, contar algumas histórias sobre as plantas da maior e mais rica flora do planeta.

Para ler mais sobre o assunto:

- 1 - Salvador, V., História do Brasil, 1500-1627, 6ª. edição, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1975.
- 2 - Carrara Jr., E.; Meirelles, H.; *A Indústria Química e o Desenvolvimento do Brasil - 1500-1889*; Metalivros; São Paulo, 1996.
- 3 - Dwyer, J. D.; *Brittonia*, **1951**, 7, 143.
- 4 - Acosta, J.; *História Natural e Moral das Índias*, Madrid, 1792.
- 5 - Barléu, G., *HISTÓRIA dos feitos recentemente praticados durante vinte anos no BRASIL*. 1ª. edição, Amsterdam, 1647; Coleção Reconquista do Brasil, Vol 15, Tradução e anotações de Cláudio Brandão e prefácio e notas de Mário G. Ferri, Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974, p. 141.
- 6 - Santos, N. P., Alencastro, R. B., Pinto, A. C., *Quim. Nova* **1998** 21 (5), 666.
- 7 - Veiga Jr., V. F.; Pinto, A. C.; Patitucci, M. L.; *Quim. Nova* **1997**, 20 (6), 612.
- 8 - Gandavo, P. M. *Tratado da Terra do Brasil*, Editora Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1924.